

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
18 e 24 de Junho de 2025
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ (parte V)

SANTA FE TRAIL / 1940 A Caminho de Santa Fé

Um filme de Michael Curtiz

Argumento: Robert Buckner, a partir do seu romance então inédito “The Grenadiers” / *Diretor de fotografia* (35 mm, preto & branco, formato 1x37): Sol Polito / *Cenários:* John J. Hughes / *Figurinos:* Milo Anderson / *Música:* Max Steiner / *Montagem:* George Amy / *Som:* Robert B. Lee / *Interpretação:* Erroll Flynn (*Jeb Stuart*), Olivia de Havilland (“*Kit Carson*” *Holliday*), Raymond Massey (*John Brown*), Ronald Reagan (*Custer*), Van Heflin (*Rader*), Moroni Olsen (*General Lee*), Alan Hale (*Tex*) e outros.

Produção: Hal B. Wallis para a Warner Bros / *Cópia:* digital (transposto do original em 35 mm), versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 110 minutos / *Estreia mundial:* Santa Fé, 13 de Dezembro de 1940 / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinema Politeama), 23 de Novembro de 1944 / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

*John Brown's body lies a-mouldering in the grave,
But his soul goes marching on.
Glory, glory, hallelujah!*
hino de autor anónimo (1861)

O filme que verdadeiramente fundou Hollywood, **The Birth of a Nation** (1915), de David Griffith, é ao mesmo tempo uma absoluta obra-prima cinematográfica e uma aberração racista. Por conseguinte, tecer críticas de teor ideológico ao cinema clássico americano é dar prova de alguma ingenuidade, na medida em que este cinema, desde os seus começos, aliou uma inventividade formal extraordinária a uma capacidade única de criar mitos, torcendo e distorcendo com o mais absoluto à-vontade factos históricos, temas religiosos e obras literárias. O conservadorismo, o puritanismo e o racismo estão no âmago de boa parte deste cinema e para apreciá-lo é preciso “pegar ou largar” estes elementos. Alguém já viu um filme americano sobre a Guerra de Secessão em que os sulistas não surjam como vítimas ou como nobres aristocratas dos quais os prosaicos *yankees* nada percebiam? Alguém já viu um filme que mencione as Leis John Crow, que instituíram nos estados do Sul, a seguir à abolição da escravatura, um apartheid que durou um século, até meados dos anos de 1960? Alguém ignora que o Código Hays, que instituiu as normas de autocensura do cinema americano proibia o tema da miscigenação? Mas desde que se tenha consciência de que se trata *apenas de filmes*, como disse memoravelmente Alfred Hitchcock, isto não tem grande importância e, por conseguinte, criticar o western como um género racista e o *noir* como misógino é nada perceber destes filmes, ou melhor, do sistema em que foram feitos.

No entanto, por vezes torna-se um pouco difícil não fazer alguma crítica ideológica a certos exemplares deste cinema, como é o caso de **Santa Fe Trail**, cuja ação vai de 1854 a 1859 (termina dois anos antes do início da Guerra de Secessão), que aborda um episódio muito conhecido dos norte-americanos, dando uma imagem mais do que negativa de um célebre e radical defensor dos negros, que estava convencido de que a libertação destes não se faria sem sangue, como foi provado pelos factos históricos. Herói desde sempre para os negros e para os abolicionistas brancos, como ilustra o celeberrimo hino citado em epígrafe, John Brown era e é considerado um perigoso fanático pelos sulistas e por Hollywood. Num gesto de sincera hipocrisia, passe o paradoxo, no filme a sua morte é “lamentada” pelos

seus carrascos, que dizem que Browning tinha ideias generosas, mas, como ensina Erroll Flynn ao espectador, era muito radical, *“temos de esperar que o tempo faça as coisas, a Virgínia já está a discutir a eventual abolição da escravatura. Tudo o que eles pedem é tempo”*, provavelmente até o dia de São Nunca, pois é muito raro que uma elite renuncie pacificamente aos seus privilégios abusivos. Ou seja, caro espectador, John Brown é uma figura nefasta. A manipulação é de tal ordem que a celeberrima melodia do hino de exaltação citado em epígrafe é cuidadosamente evitada na banda sonora, exceto no final, quando é transformada numa marcha fúnebre, pois Brown *“nasceu para isso”* (ser enforcado), como filosofa Errol Flynn para apaziguar Olivia de Havilland, que, como muitos espectadores da época, tinha alguns *mixed feelings* em relação ao “fanático”.

Note-se que no argumento original a ação situava-se depois da Guerra de Secessão, numa série de aventuras. Curtiz e o supervisor do filme, Robert Fellows, propuseram incluir uma trama secundária sobre John Wilkes Booth, o assassino de Abraham Lincoln, mas Jack Warner não gostou da ideia. O argumento foi totalmente reescrito e a história passou a ser situada nos anos que precederam a guerra, incluindo a figura de John Brown, personagem central do filme, o seu verdadeiro protagonista, embora Raymond Massey não fosse vedeta nem galã (o seu desempenho é um dos trunfos do filme). **Santa Fe Trail** começa numa academia militar (*“aquilo que aprendemos em West Point fica em nós”*), o espaço mais oposto à rebelião e ao pensamento individual que se possa imaginar. Desde o primeiro momento a figura de John Brown surge de forma negativa, na demonstrativa e nada sutil sequência em que um desgrenhado e arrogante *browniano* encarnado por Van Heflin choca-se com a fleumática virilidade de Erroll Flynn, que rasga as publicações de propaganda abolicionista que o outro quer distribuir entre os cadetes, depois de dar-lhe um certo murro. Para reforçar esta imagem negativa, na sequência do comboio (racialmente segregado, como era facto na realidade americana quando o filme foi feito e continuaria a sê-lo, no Sul, durante mais vinte anos) o personagem de Van Heflin não hesita em matar alguém. Browning é mostrado desde o início do modo como o cinema costuma mostrar um bandido, dando ordens absolutas no seu covil, cercado de inquietantes asseclas, enquanto recebe armas contrabandeadas. As figuras dos negros, submissos, apatetados e de olhos esbugalhados (contrariamente, por exemplo, ao que se passa com a personagem de Hattie MacDaniel em **Gone With the Wind**), correspondem aos clichés racistas mais penosamente paternalistas e não é o facto de uma negra, cheia de sabedoria popular, fazer um penso a Erroll Flynn, que altera este fator. No seu livro sobre Curtiz, James C. Robertson diz que a Warner *“fez prova de coragem ao permitir que o tema da guerra civil fosse abordado, mas a ansiedade do estúdio com o assunto pode ser vista no enganoso título do filme, nas frequentes e deslocadas intervenções cómicas, feitas por exigência de Jack Warner, na igualmente supérflua rivalidade entre romântica e no argumento de Buckner, que é violentamente pró Sul”*.

Tanto reacionarismo (infelizmente, não há outra palavra, por mais que esta esteja gasta), veiculado com tanto à-vontade, embora inseparável do filme, não empana as suas qualidades formais. Por detrás do tema da luta contra John Brown, que é um facto histórico (nenhum dos protagonistas é uma figura de ficção), **Santa Fe Trail** ilustra duas facetas do western: o filme militar e o estabelecimento da ordem pública em muitos territórios de um país ainda em formação, para que se possa continuar a “conquista do Oeste”. Este último tema nem sempre é ilustrado pela presença de forças militares, pode sê-lo por um simples xerife ou por cidadãos anónimos, mas a presença de forças militares sublinha a noção de *nação* e talvez por isso haja uma sequência situada em Washington. O argumento é bem construído (não há grupos secundários, tudo se organiza à volta da luta do exército e de John Brown) e funde perfeitamente estas duas vertentes do western, não tem tempos mortos. Os indispensáveis tiroteios e cavalgadas são realizados com mão de mestre, o que prova, mais uma vez, as afinidades de Michael Curtiz com o western.

Antonio Rodrigues